



GT – 6: Economia urbana, comércio, trabalho e consumo

O circuito dos eventos evangélicos e a economia urbana em Campos dos Goytacazes – RJ

Gabriel Rosaes Freire¹

UFF-Campos
gabrielrosaes@id.uff.br

Silvana Cristina da Silva²

UFF-Campos
silvanasilva@id.uff.br

RESUMO:

Este artigo problematiza o fato de as igrejas evangélicas ampliarem o poder de transformar a paisagem urbana e o conteúdo das relações sociais no território brasileiro. Parte-se da hipótese de que as igrejas evangélicas vêm se tornando novos agentes modeladores do espaço urbano em razão do crescimento do número de fiéis, do ativismo político e das práticas espaciais. A análise centra-se na identificação das práticas espaciais das cidades pelas igrejas, adotando como recorte o circuito de eventos promovidos por essas instituições na cidade de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro. No tocante à metodologia, o trabalho apossou-se de leituras e levantamento de dados, legislações, pesquisa empírica em cultos, eventos e reuniões e entrevistas com agentes implicados. Destacam-se como resultados a interação das igrejas com os demais agentes modeladores e a forte presença na economia urbana.

Palavras-chave: expansão evangélica; agentes modeladores; espaço urbano.

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj) de 2022 a 2024, processo n.º E-26/204.283/2022.

² Professora orientadora, docente da Universidade Federal Fluminense – UFF/Campos. Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE), Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj), processo n.º E-26/200.119/2023.

1. INTRODUÇÃO

Os dados estatísticos dos censos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a pesquisa Datafolha (2020) revelam o crescimento no número de evangélicos no Brasil. Nos anos 2000, o número de evangélicos representava 15% da população. Já em 2010, esse número foi para 22%, indicando cerca de 42 milhões de brasileiros. Em 2020, o Instituto Datafolha (jan. 2020)³ estimou um aumento de 9% desde 2010, totalizando 31%⁴.

Nesse sentido, fica evidente a existência do fenômeno de expansão evangélica no Brasil, impactando e transformando a economia política e os espaços urbanos das cidades brasileiras. As transformações podem ser vistas nas apropriações de praças, parques e antigos cinemas e na geração de uma economia urbana voltada para o público evangélico.

Em Campos dos Goytacazes, cidade da região Norte Fluminense, os usos do espaço urbano pelas igrejas evangélicas manifestam-se na utilização dos espaços públicos, como praças e parques, e prédios administrativos, como Câmara Municipal e Secretarias Municipais de Governo, como locais de culto; em parcerias público-privadas, bem como pelo dinamismo do circuito dos eventos evangélicos na cidade. Sendo assim, defende-se a hipótese de que essas igrejas configuram novos *agentes modeladores do espaço urbano*, complexificando a teorização proposta por Corrêa (2002 [1989]). O autor apresenta os principais agentes de construção das cidades como os proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, Estado e grupo social excluído.

É possível entender as dinâmicas evangélicas com amparo na teoria geográfica miltoniana, na qual o espaço geográfico é composto por sistemas de ações e objetos, resultante e condicionante do movimento contraditório da psicoesfera e da tecnoesfera. A psicoesfera define-se como um conjunto de crenças, desejos e vontades, a fim de moldar as práticas espaciais e as relações interpessoais com o universo (Santos, 1997). Desse modo, o sistema de crenças religiosas, sobretudo o evangélico, tem formado parte da psicoesfera e da tecnoesfera do território brasileiro.

³ Fonte: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em: julho de 2023.

⁴ Os dados do Censo 2022 sobre a confessionalidade religiosa brasileira ainda não foram divulgados pelo IBGE.

A presente pesquisa organiza-se em duas partes. Na primeira, aborda-se a expansão do movimento pentecostal, apontando o recorte analítico e territorial da pesquisa. Na segunda seção, expõem-se as questões teóricas da geografia que dão suporte conceitual ao estudo, explicitando a relação da expansão evangélica com o processo de urbanização e de mudanças do espaço urbano. A última subseção dessa parte dedica-se a analisar a economia urbana gerada pelas igrejas.

Convém pontuar que uma das principais considerações da pesquisa é a constatação de que há uma articulação das igrejas evangélicas junto aos demais agentes modeladores do espaço urbano, o que conduz à hipótese de que as igrejas evangélicas possam se tornar um novo agente modelador do espaço urbano. Do mesmo modo, observa-se uma forte presença delas na mobilização das atividades do *circuito superior e do circuito inferior da economia urbana* (Santos, 2023 [1979]), mediante os eventos de cunho evangélico sediados em Campos dos Goytacazes. Entre eles, destacam-se a Marcha para Jesus e o Festival Adora Campos como os maiores e mais expressivos.

2. A EXPANSÃO EVANGÉLICA PENTECOSTAL

2.1. Primeiras igrejas pentecostais no Brasil

No Censo 2010 do IBGE, a população declarada evangélica representava 22% dos entrevistados, ao passo que no estado do Rio de Janeiro, 29%. Em Campos dos Goytacazes, essa porcentagem alcança 31% (IBGE, 2010). Mariano (2014) explica que o fenômeno da expansão evangélica acontece em escala mundial, ocorrendo em ritmo intenso em alguns países.

O pentecostalismo difere-se do protestantismo histórico em função da crença no batismo do Espírito Santo, da cura e do dom de falar em línguas em transe (glossolalia). Assim, o pentecostalismo na América Latina expandiu-se de forma gradual e intensificou-se nas últimas décadas, tendo o Brasil se tornando o maior destaque. Segundo Mariano (2004, p.1), “no Brasil, a expansão pentecostal não é recente nem episódica. Ocorre de modo constante já há meio século, o que permitiu que esse grupo se tornasse o segundo maior grupo religioso do país”.

O movimento pentecostal chega ao Brasil no início do século XX. “As primeiras denominações pentecostais que surgiram no Brasil foram a Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus” (Machado, 1997, p. 38). Por conseguinte, elas abriram caminho para outras igrejas assentarem-se em território nacional, a exemplo de Evangelho Quadrangular, em 1951, Igreja Pentecostal Deus é Amor, em 1962, e Igreja Universal do Reino de Deus, em 1977. Esta última traz como diferencial a incorporação da Teologia da Prosperidade.

Mariano (2014) entende que, no Brasil, o pentecostalismo pode ser dividido em três momentos, quais sejam: Pentecostalismo Clássico, Deuteropentecostais e Neopentecostais. Freston (1993) compreende a expansão do movimento pentecostal como três ondas⁵. Logo, a primeira onda surge no início do século XX, com missionários italianos e suecos fundando a Congregação Cristã, na cidade de São Paulo (SP), em 1910, e a Assembleia de Deus, em 1911, em Belém (PA). Essas igrejas tinham como fundamentos a recuperação de princípios da igreja católica primitiva, a qual tem por concepção a crença em dons, como a glossolalia, entendida como a língua dos anjos, e a cura pelo Espírito Santo.

A segunda onda pentecostal, ou Deuteropentecostal (Mariano, 2014), ocorre via influência dos Estados Unidos na religião cristã evangélica ou um “desdobramento institucional tardio, em solo brasileiro, do pentecostalismo clássico norte-americano” (Mariano, 2014, p. 32). Desse modo, a segunda onda foi importada de missionários estadunidenses, os quais fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular em 1950, na cidade de São Paulo (SP). Nessa linha, as igrejas tinham como estratégias o uso de comunicações proselitistas em massa e o uso do espaço público, além de maior ênfase no Espírito Santo.

A terceira onda pentecostal, que Mariano (2014) afirma ser neopentecostal, consiste na diversidade teológica, comportamental e social, assim como apresenta caráter doutrinário. As primeiras igrejas dessa onda foram fundadas na capital do estado do Rio de Janeiro, nas décadas de 1970 a 1990, entre as quais se destacam a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977, a Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1980, e a Cristo Vive, em 1986. A terceira

⁵ Há diferenças na compreensão destes dois autores sobre a expansão pentecostal. Freston (1993) entende como ondas e Mariano (2004), como momentos históricos. Todavia, para fins deste texto, tais diferenças não serão aprofundadas.

onda pentecostal trouxe elementos novos e dinâmicos para atração de novos adeptos como a Teologia da Prosperidade⁶ e a recente difusão da Teologia do Domínio⁷.

2.1. A expansão evangélica em Campos dos Goytacazes

O recorte desta pesquisa centra-se em Campos dos Goytacazes, situado na região Norte do estado do Rio de Janeiro. Trata-se do maior município do estado em extensão territorial. Possui 483 mil habitantes, segundo o censo do IBGE de 2022, sendo a quinta cidade mais populosa do Rio de Janeiro.

De acordo com Silva (2019), há cerca de 482 locais⁸ de cultos na cidade: 344 evangélicas (71,4%) de diferentes ondas e denominações, 103 católicas (21,3%) e 35 (7,3%) locais de cultos de outras religiões⁹. Os evangélicos históricos representam 28,6%, os pentecostais 26,7%, e os neopentecostais 14,1%, conforme se delineia na Tabela 1.

Tabela 1 – Lugares de culto cristão em Campos dos Goytacazes – 2019

Lugares de culto	Total/município	Porcentagem
Católicos	103	21,3%
Evangélicos históricos	138	28,6%
Evangélicos pentecostais	130	26,9%
Evangélicos neopentecostais	68	14,1%
Evangélicos de outras denominações	8	1,66%
Outras religiões	35	7,26%
Total	482	100%

Fonte: Silva (2019).

⁶ Prática pentecostal, cuja doutrina acontece por recompensa da fé e devoção por meios de prosperidade e sucesso pessoal. Riqueza e saúde são favores divinos (Mariano, 2014).

⁷ Corrente de pensamento que propõe a intervenção e a influência de cristãos em áreas da sociedade, como economia, política, cultura e lazer.

⁸ A autora não incluiu lugares de cultos das religiões afro-brasileiras, como candomblé e umbanda, e os lugares de cultos de religiões indígenas.

⁹ Por outras religiões, a autora abrange mórmons – Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias (8,5%), Testemunhas de Jeová (34,2%) e Grupos Espíritas (57,1%).

A autora desmembra as igrejas evangélicas com base nos locais de cultos dos distintos movimentos evangélicos. Nesse sentido, tem-se evangélicos históricos com 138 lugares, evangélicos pentecostais com 130 lugares e neopentecostais com 68. No que tange às igrejas evangélicas históricas, ressaltam-se Igreja Batista (79), Igreja Presbiteriana (24), Igreja Metodista (9) e Igreja Adventista do Sétimo Dia (26). Já em igrejas evangélicas pentecostais, notam-se Assembleia de Deus (50), Congregação Cristã (12), Igreja Pentecostal Deus é Amor (9), Igreja Cristã Maranata (22), Evangelho Quadrangular (17), Manancial da Terra (5) e outras igrejas pentecostais (15). Por fim, em igrejas evangélicas pentecostais de terceira onda surgem Igreja Universal do Reino de Deus (51), Igreja Internacional da Graça de Deus (12), Igreja Sara Nossa Terra (4) e Igreja Evangélica Bola de Neve (1).

Em suma, fica clara a predominância de locais de cultos evangélicos em Campos dos Goytacazes, confirmando as tendências dos últimos censos demográficos, que apontam tal aumento. Desse modo, os lugares de cultos representam uma materialização espacial da expansão evangélica, confirmando, assim, a transição do Brasil como país hegemonicamente católico para um país evangélico.

Vale ressaltar que os dados sobre os locais de cultos revelam a implementação do sistema de valores associado à religiosidade evangélica pentecostal e à transformação da sociedade brasileira. Os locais de culto predominantemente evangélicos formam a tecnoesfera. Todavia, demonstram a disputa das igrejas cristãs evangélicas pela psicoesfera. Do ponto de vista geográfico, a psicoesfera permite interpretar os sistemas de valores concretizados na tecnoesfera. Esse sistema de valores está em mutação no território brasileiro, sendo o movimento pentecostal parte relevante dessa transformação.

No caso do território brasileiro, no qual se analisa a *situação geográfica* (Silveira, 1999) de Campos dos Goytacazes, constata-se que o paradigma da secularização da sociedade brasileira não avança. Há, porém, uma mudança da confessionalidade, que não se restringe às questões da religiosidade no sentido privado e transborda para todos os setores (economia, política, relações sociais e espaciais). Logo, a paisagem do espaço urbano brasileiro retrata tais transformações.

3. A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS

3.1. As igrejas evangélicas seriam novos agentes modeladores do espaço urbano?

O fenômeno de expansão evangélica, conforme pontuado, deixa marca no espaço e na economia urbana. Dessa forma, com apoio em Corrêa (2002 [1989]), que se propõe a analisar o espaço urbano considerando os agentes modeladores – proprietários fundiários, proprietários dos meios de produção, promotores imobiliários, Estado e grupos sociais excluídos –, emerge a hipótese de que essas igrejas possam se tornar novos agentes modeladores do espaço urbano. Isso porque

O espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se, em um primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, na realidade, a organização espacial da cidade (Corrêa, 2002 [1989], p. 7).

O autor acrescenta que o espaço urbano é, ao mesmo tempo, fragmentado e articulado, gerando, assim, o espaço capitalista dividido em áreas segregadas, o que reflete a estrutura social em classes. Campos dos Goytacazes expressa a formação das cidades capitalistas da formação socioespacial brasileira. A despeito de apresentar um dos maiores orçamentos do país, com 2,7 bilhões de reais em 2023¹⁰, em sua formação econômica e social estão as desigualdades perpetuadas com as modernizações. Estima-se que 230 mil pessoas estejam em condições de vulnerabilidade social, segundo o Cadastro Único do Observatório do Cadastro Único¹¹. Em 2023, 170 mil pessoas¹² estavam cadastradas em situação de extrema pobreza na cidade.

As igrejas evangélicas pentecostais aproveitam-se de espaços gerados pelo modo de produção capitalista para atuar e propagar-se. Elas utilizam as estratégias de ações de “resgates

¹⁰ Informação disponível na Lei n.º 9.242, de 21 de dezembro de 2022 <<https://leismunicipais.com.br/a/rj/c/campos-dos-goytacazes/lei-ordinaria/2022/924/9242/lei-ordinaria-n-9242-2022-este-ato-ainda-nao-esta-disponivel-no-sistema>>. Acesso em: setembro de 2024.

¹¹ Observatório do Cadastro Único, Campos dos Goytacazes. <<https://paineis.cidadania.gov.br/public/extensions/observatorio-do-cadastro-unico/index.html>>. Acesso em: julho de 2024.

¹² Dados obtidos no sistema Cadastro Único do Ministério da Cidadania e organizados pelos professores Marcos Pedlowski, da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), e José Alves Neto, da Universidade Cândido Mendes. Disponível em: <https://blogdopedlowski.com/2023/05/05/campos-dos-goytacazes-a-cidade-bilionaria-onde-170-mil-pessoas-vivem-na-extrema-pobreza/>. Acesso em: junho de 2024.

sociais” de famílias em vulnerabilidade e constroem suas redes de solidariedades (Rivera, 2010). Nesse cenário, é possível constatar o expressivo número de locais de cultos espalhados por bairros periféricos das pequenas e grandes cidades.

O relatório do Centro de Estudo de Metrôpoles da Universidade de São Paulo (Araújo, 2023) revela o crescimento de 543% no número de templos religiosos abertos entre 1990 e 2019, saltando de 17.033 para 109.560. Destaca-se o ano de 2019, no qual 6.356 igrejas foram abertas e registradas, estabelecendo uma média diária de 17 templos. Contudo, a atuação das igrejas não se limita às camadas menos favorecidas da sociedade, tampouco sua expansão está associada somente a elas¹³.

As igrejas vêm adotando a estratégia de presença em repartições públicas e nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Na esfera legislativa, por exemplo, tornou-se comum a presença de grupos evangélicos, popularmente chamados de Bancada Evangélica. Esse é o caso de Campos, onde a presença de religiosos e pastores na Câmara Municipal, nas secretarias de governo e na prefeitura é frequente, assim como o uso dos espaços públicos para adoração e momentos de fé e propagação do evangelho.

Nesse contexto, praças, parques e ruas são espaços que têm sido alvo de avanço dos evangélicos. Um exemplo remete à transferência da Praça da Bíblia para o Complexo Parque Alberto Sampaio. O espaço, localizado na área central da cidade, há anos encontra-se esquecido pelo poder público, sendo usado de maneira irregular como estacionamento para frequentadores do Mercado Municipal de Campos. Assim, o vereador e pastor Marcos Elias propôs um projeto de lei, o qual culminou na publicação da Lei n.º 9.252, de 21 de dezembro de 2022. A normativa concedeu à Associação Evangélica de Campos (AEC), por meio de uma parceria público-privada, parte do Complexo do Parque Alberto Sampaio para a transformação em Praça da Bíblia.

A AEC concentra o maior grupo de igrejas evangélicas da cidade. Fundada em 1989 e registrada como organização religiosa em 1991, funciona como uma associação que reúne 150 igrejas de diferentes denominações e atua em trabalhos sociais e na promoção de eventos evangélicos públicos e privados. É composta por presidência, vice-presidência, secretários e

¹³ Destaca-se que as igrejas evangélicas crescem também nas áreas centrais das cidades e nas classes médias e altas, mas esse processo não será objeto de debate neste artigo.

assessores, com mandatos trienais. Em virtude de englobar um alto número de igrejas, a AEC não possui um espaço físico oficial, contando apenas com um espaço de uso coletivo para reuniões e momentos sagrados. Tal ambiente é utilizado para ações educacionais, como cursos e monitorias de disciplinas escolares e voltadas à religião cristã, além de consultorias jurídicas para aberturas de novas igrejas.

Esse espaço, cedido pelo Governo estadual, atende a uma solicitação da AEC, localizada em área periférica, no bairro Codin, às proximidades do Aeroporto Bartolomeu Lisandro, a cerca de dez quilômetros da região central. O local é tido como sagrado pelo público evangélico, tendo em vista ser um ponto de pequena elevação da cidade, e os cristãos nomearam-no Monte de Oração da Codin, conforme a Figura 1.

Figura 1 - Torre de Oração da Codin



Fonte: Foto de Gabriel Rosaes Freire, 06 de julho de 2023

Com a Lei Municipal n.º 9.252, caberia à AEC a conservação e o uso da Praça da Bíblia no Parque Alberto Sampaio. Isso, por sua vez, gerou conflito com artistas e agentes culturais da cidade, embora as igrejas evangélicas já realizassem atividades nesse equipamento público, o espaço do complexo era usado em alguns eventos pelo setor cultural, em especial o Anfiteatro Kapi, que fica dentro do parque. Após negociações, acordou-se que o Anfiteatro Kapi

permaneceria destinado ao uso dos artistas e aos circuitos culturais¹⁴. Entretanto, há atividades vinculadas às igrejas no Anfiteatro Kapi após a publicação da Lei Municipal n.º 9.252, conforme representado na Figura 2.

Figura 2 – Momento de vigília e oração pelo Dia do Pastor na Praça da Bíblia no Complexo do Parque Alberto Sampaio – junho/2023



Fonte: Foto de Gabriel Rosaes Freire, 12 de junho de 2023.

Na concepção de Roberto Lobato Corrêa (2002 [1989]), o espaço urbano é um produto social, resultado de ações acumuladas ao longo do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço. Logo, em uma sociedade moderna há agentes implicados moldando a dinâmica dos espaços, ativos e não invisíveis. O autor complementa ao declarar que “as ações destes agentes são complexas, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classes que delas emergem” (Corrêa, *idem*, p. 11).

Sob essa ótica, os principais agentes modeladores do espaço urbano, segundo Corrêa (*ibidem*) e conforme pontuado, são os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e, por fim, a classe social excluída. Deste

¹⁴ Informações adquiridas por meio de entrevistas. Ressalta-se que a pesquisa, até o momento, não localizou a informação em documentos oficiais, nos quais apareçam as garantias do uso do parque, especialmente do Anfiteatro Kapi por artistas e grupos culturais.

modo, cada um deles interage e conversa entre si, ao passo que disputam o uso e a ocupação da cidade. No entanto, cabe destacar que:

a ação destes agentes se faz dentro de um marco jurídico que regula a atuação deles. Este marco não é neutro, refletindo o interesse dominante de um dos agentes, e constituindo-se, em muitos casos, em uma retórica ambígua, que permite que haja transgressões de acordo com os interesses do agente dominante [...] importante notar que as estratégias que esses agentes adotam variam no tempo e no espaço, e esta variabilidade decorre tanto de causas externas aos agentes, como de causas internas, vinculadas às contradições inerentes ao tipo de capital de cada agente face ao movimento geral de acumulação capitalista e dos conflitos de classe (Corrêa, 2002 [1989], p. 13 e 14).

O grupo social excluído, por sua vez, como o próprio nome sinaliza, trata-se dos subalternizados nas disputas pelo espaço urbano. Nesse caso, compõem esse grupo os que são afetados pelo sistema capitalista por não disporem de terras ou capital, vendo-se impelidos a viverem no espaço urbano pelo qual os demais agentes implicados não se interessam. A questão da desigualdade e da presença da população vulnerabilizada nas periferias é relevante porque foi nesse extrato da população que avançou inicialmente o pentecostalismo.

Os movimentos pentecostais, sobretudo da terceira onda, aproveitam-se das dinâmicas urbanas e da população vulnerável para se inserirem no espaço urbano. Não é por acaso que parte das igrejas está nas periferias ou busca os espaços de fluxos da população vulnerabilizada. O Complexo do Parque Alberto Sampaio tornou-se um lugar de abrigo de população em situação de rua. Nesse sentido, apresenta potencial de conversão do público ali presente, segundo interesses das igrejas.

A atuação da AEC na cidade é, portanto, expressiva e frequente. Há uma constante parceria junto à Prefeitura Municipal, que compreende desde a realização de eventos e concessões de espaço público até momentos de orações dentro dos prédios públicos. Ademais, há realização de eventos na cidade, promovidos pela AEC, que contam com apoio de algum órgão público ou poder Executivo/Legislativo, sejam eles com autorizações, estruturas ou isenções. Ressalta-se ainda a participativa intermediação entre a AEC e o Executivo, articulada, em especial, pelo vereador e pastor Marcos Elias. Sendo assim, é comum vê-los estreitando parcerias com o Governo municipal.

3.2. Circuito dos eventos evangélicos e economia urbana em Campos dos Goytacazes

As igrejas evangélicas têm gerado uma economia urbana própria. Os salários dos pastores, os sistemas de doações, os serviços de portaria, segurança e mesmo de construção das igrejas compõem a economia urbana das cidades. Os eventos geram, da mesma maneira, uma dinâmica econômica. Silvana Silva (2024) aponta que todos os poros do tecido urbano estão sendo disputados pelas igrejas, configurando não só lugares de cultos e de manifestações do sagrado, mas também de construção de laços sociais, emanando redes de sustentação econômica, lugares de produção e manifestações culturais.

Nesse contexto, mobiliza-se a teoria dos dois circuitos da economia urbana para analisar o papel das igrejas nas pequenas cidades e em cidades de porte médio, como Campos dos Goytacazes. Isso porque elas são dinamizadas pelo circuito superior e pelo circuito inferior da economia urbana. O primeiro pode ser identificado nas atividades dos “bancos, comércios e indústrias de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadoras” (Santos, 2023 [1979], p. 40). Já o circuito inferior é resultado da modernização, em constante transformação e adaptação, abastecida pelas atividades do circuito superior. Em outras palavras, “o circuito inferior é constituído por formas de fabricação não-capital intensivo, pelos serviços não-modernos fornecidos ‘a varejo’ e pelo comércio não-moderno e de pequena dimensão” (Santos, *idem*, p. 39-40).

Em Campos dos Goytacazes, diversos eventos evangélicos compõem o calendário oficial e extraoficial da prefeitura. Entre eles, examinam-se os eventos organizados em espaços públicos por pastores locais, pela AEC e pela Prefeitura Municipal, via Secretaria de Cultura, além das parcerias entre órgãos públicos e empresas privadas. Entre os eventos analisados, selecionaram-se os dois maiores: um por iniciativa privada e outro promovido pelo poder público, ambos associados às igrejas. O primeiro é a Marcha para Jesus da cidade, maior evento promovido pela AEC, com 17 edições ao todo. Embora seja por iniciativa privada, a Marcha compõe o calendário oficial de eventos da cidade, uma vez que se apropriam de palco e

estruturas públicas montadas para a festividade do Santíssimo Salvador¹⁵. Logo, a Marcha para Jesus anualmente é realizada após o evento católico.

A Marcha para Jesus é um evento aguardado pelo público evangélico em Campos, por ser um momento de adoração, intercessão pela família, pela cidade e pela nação e clamor ao Deus cristão, contando com a presença de diversos pastores vinculados à AEC e uma atração expressiva convidada. Não obstante à realização em dia útil, após o horário comercial, a Marcha vem reunindo públicos significativos. Nas edições de 2022 e 2023 do evento, foram estimados¹⁶ públicos entre 50 mil e 40 mil pessoas, respectivamente. Compondo os números, o evento recebe caravanas de municípios vizinhos, como São João da Barra, Macaé e São Francisco de Itabapoana. A Marcha para Jesus, ao ser realizada logo após a festa do padroeiro da cidade, demonstra as mudanças da religiosidade na cidade. A transição da confessionalidade que vem ocorrendo em nível nacional é evidente em Campos dos Goytacazes.

A Marcha arrecada recursos privados e de investidores, segundo informações fornecidas pelo apóstolo presidente da AEC e da Comunidade Evangélica Presbiteriana de Santa Rosa, no distrito de Guarus, durante as visitas de campo às reuniões dos pastores associados. A cada ano, a AEC reúne recursos, somados a contribuições de empresas privadas, além de investimentos particulares de pastores e associados. Na 17ª edição, em 2023, o grupo reuniu apoio e investimentos de expressivos grupos de Campos, como o banco do Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob) fluminense, a construtora MRV, a Universidade Estácio de Sá, além de outras instituições do município.

As edições da Marcha para Jesus demandam uma logística específica. Além de aproveitar o espaço público, oferecido pela prefeitura, o evento conta com apoio das secretarias de governos e órgãos de segurança pública. Além do palco principal, na praça central, há dois trios elétricos conduzindo outros fiéis, em que um parte da Universidade Estadual do Norte Fluminense, e outro do bairro Parque Alvorada, na região de Guarus (área de concentração da

¹⁵ Festa do Santíssimo Salvador, padroeiro da cidade de Campos dos Goytacazes. Evento da religião católica, promovido pela Prefeitura Municipal, reúne shows e atividades na praça central do município. O dia oficial do santo é 6 de agosto, por isso as festividades ocorrem no fim de semana que antecede a data.

¹⁶ Projeções feitas pelos organizadores e divulgadas no jornal fluminense *O Dia – Campos*. Disponíveis em: <<https://odia.ig.com.br/campos/2022/08/6460569-marcha-para-jesus-chega-a-16-edicao-nesta-segunda-com-previsao-de-mais-de-50-mil-fieis.html>> e <<https://odia.ig.com.br/campos/2023/08/6687190-marcha-para-jesus-envolve-140-igrejas-e-mais-de-40-mil-pessoas-no-centro-da-cidade.html>>. Acessados: em junho de 2024.

população de baixa renda da cidade), mobilizando, também, a Polícia Militar, a Guarda Municipal e agentes de trânsito. Embora os organizadores ressaltem a posição apartidária e apolítica do evento, é comum contar com a presença de autoridades, secretários, vereadores e o prefeito – inclusive, no palco, com direito à fala no microfone. A 17ª edição, em 2023, teve a presença dos músicos e pastores Fabiano Bremer e Ricardo Robortella, do grupo Clamor pelas Nações.

A Marcha para Jesus em Campos dos Goytacazes, ainda que se aproprie do nome e da relevância do evento nacional, promovido pela igreja Renascer em Cristo, não faz parte do movimento. Ou seja, a Marcha local é um evento independente dos movimentos da Marcha para Jesus nacional, que ocorre em metrópoles, capitais e outras cidades menores.

Por seu turno, o Festival Adora Campos trata-se de uma atividade pública, sediado também na Praça São Salvador e é de inteiro investimento público. Planejado no final de 2022 e realizado pela primeira vez em 2023, o Adora Campos assemelha-se à Marcha para Jesus, referente aos ideais e propósitos. Atualmente com cinco edições, o Adora Campos é oferecido e financiado pela Prefeitura Municipal de Campos e pela Secretaria Municipal de Cultura – Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima.

Amparados em conversas com um dos idealizadores do projeto, o promotor de eventos e o assessor de imprensa da Prefeitura Municipal de Campos sugeriram ao prefeito e aos nomes competentes o interesse em inovar e ser a primeira cidade da região a oferecer um evento evangélico de grande magnitude. Após abraçar a ideia, o prefeito uniu o calendário de verão da cidade, na região litorânea do município, e abriu as festividades com a primeira edição do Adora Campos. Nesse caso, consistiu em um evento-teste, e não houve contagem ou estimativa de público. Participaram desse evento pastores e ministérios locais, além da convidada, a cantora Sara Beatriz.

No último fim de semana de junho de 2024 ocorreu a quinta edição do Adora, com o cantor Davi Sacer como principal atração. Todavia, nos ministérios e pastores locais, é comum ver nomes repetidos. A estratégia dos organizadores é repetir as atrações, em função da aprovação do público e para priorizar os nomes que aceitaram participar da primeira edição.

Embora sejam pagos os valores integrais de cachês das atrações principais, a organização do evento não paga cachês ou qualquer espécie de valor às demais atrações. A

justificativa é haver muitos nomes, sendo inviável pagar a todos, além de a organização considerar o Adora Campos uma vitrine de sucesso. Assim, a comissão organizadora entende que se apresentar em um festival municipal de tamanha grandeza regional é um sinônimo de sucesso e gerará visibilidade aos nomes que se apresentarem.

O Adora Campos iniciou em janeiro de 2023 e teve eventos em março e setembro do mesmo ano e em março¹⁷ e junho de 2024. Contando as atrações locais, cerca de 50 nomes já subiram ao palco do festival, entre pastores, ministérios de adoração ou grupo teatral. Quanto às atrações principais, os valores de cachê ultrapassam os 500 mil reais, como descrito na Tabela 2.

Tabela 2 – Atrações e cachês pagos por edição do Adora Campos

Convidado	Data	Local	Valor
1º Sarah Beatriz	6 de janeiro de 2023	Praia do Farol, Campos	R\$ 50.000
2º Gabriela Rocha	25 de março de 2023	Praça São Salvador	R\$ 120.000
3º Maria Marçal	30 de setembro de 2023	Praça São Salvador	R\$ 120.000
4º Fernandinho ¹⁸	23 de março de 2024	CEPOP ¹⁹ – Campos	R\$ 150.000
5º Davi Sacer ²⁰	29 de junho de 2024	Praça São Salvador	R\$ 120.000
Total	-	-	R\$ 560.000

Fonte: Diário Oficial de Campos. Elaborado por Gabriel Rosaes, 2024.

A comissão organizadora do festival é composta por promotores de eventos da cidade, pastores e líderes de igrejas evangélicas, além de autoridades e representantes municipais. Assim, eles debatem os orçamentos, as datas e as atrações seguintes da atração. O Festival Adora Campos compõe o calendário oficial de eventos da cidade, podendo realizar até três edições por ano, como ocorreu em 2023. Para que haja uma edição do evento, é necessário

¹⁷ A quarta edição do festival, em 23 de março de 2024, precisou ser adiada em função de condições climáticas e previsões de fortes chuvas e ventos na região, que se confirmaram.

¹⁸ Nesse caso, na edição que seria de n.º 4, a Prefeitura Municipal de Campos confirmou mais uma edição, com a mesma atração, a ser realizada em novembro do mesmo ano, também na Praça São Salvador.

¹⁹ Centro de Eventos Populares Osório Peixoto – Sambódromo de Campos.

²⁰ Substituído na véspera do evento pelo grupo musical Preto no Branco, em razão de questões familiares. Não há informações divulgadas referentes à devolução de cachê ou a uma possível participação futura.

estudar o calendário das demais atividades. É certo, porém, que ocorra uma edição na semana do aniversário do município, na última semana do mês de março.

Por ser um evento promovido pela Prefeitura Municipal, em conjunto com a Secretaria de Cultura, é esperado que haja uma mobilização dos órgãos e das secretarias municipais. Sendo assim, além do esquema de segurança reforçado pela Polícia Militar e pelos guardas municipais, o Instituto Municipal de Trânsito e Transporte de Campos organiza uma força tarefa para aumentar as rotas de ônibus e as frotas nas ruas, a fim de atender a população.

A localização das edições do Adora Campos precisa ser pensada de maneira estratégica, a fim de atender as demandas do público evangélico. Ao acontecer na Praça Central, há o benefício da mobilidade urbana em Campos porque nas proximidades da praça há terminais de ônibus e pontos de transportes públicos.

Embora não seja possível quantificar ou mesmo aprofundar o debate sobre os circuitos da economia urbana, pode-se analisar a presença de atividades do circuito inferior e superior geradas pelas igrejas evangélicas. Grandes empresas nacionais ou locais, como construtoras, bancos e instituições de ensino privadas, estão participando de forma ativa desses eventos, para além de incentivo financeiro, mas como tendas de consultoria e vendas no local, ou divulgações no palco ou nos telões. Nesse cenário, destacam-se a construtora MRV, o banco Sicoob, a Universidade Estácio de Sá, bem como empresas locais, tais como TV Real, Outside Produções, e Real Solar. Por último, eventualmente, os grandes eventos ganham apoio e divulgação de emissoras de televisão, como Inter TV (afiliada Rede Globo) e Record Interior.

Tanto nos eventos como a Marcha para Jesus e o Festival Adora Campos, quanto em outras festividades de cunho evangélico com menores proporções, é possível analisar o circuito inferior da economia. Ambulantes e barraqueiros esperam eventos em espaços públicos para comercializar produtos e serviços e atender aqueles que estão no local para curtir a festividade. Dessa forma, há ambulantes com bebidas – alcoólicas ou não – em isopores entre as pessoas e barraqueiros que produzem e/ou fornecem alimentos de baixo custo e rápido preparo, a exemplo de pipocas, churros, espetos de churrasco e pastéis.

Portanto, esse circuito inferior, proposto por Santos (2023 [1979]), é descrito como marginalizado e menos valorizado, bem como uma forma de resistência e sobrevivência na sociedade capitalista. Uma das formas dessa marginalização pode ser entendida com a força de

repreensão dos órgãos públicos, como a Guarda Municipal ou a Fiscalização de Posturas, que coíbem, reprimem e apreendem mercadorias de ambulantes que se fazem presentes, os quais, em virtude de elementos burocráticos, não contam com autorização/alvará municipal. Sendo assim, sugere-se que tais constatações ainda precisam ser aprofundadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa visou compreender o fenômeno de expansão evangélica, bem como suas formas de apropriação e usos do espaço urbano pelas igrejas. No município de Campos dos Goytacazes, parte dessa dinâmica espacial do movimento evangélico ocorre com apoio em um circuito de eventos culturais em espaços e equipamentos públicos, financiados por empresas privadas e pelo poder público. Além destes, destaca-se a atuação da Associação Evangélica de Campos (AEC), que reúne um expressivo número de igrejas e pastores. Essa associação tem grande proximidade com membros da Câmara dos Vereadores e da Prefeitura Municipal, estreitando interesses próprios.

Ademais, a pesquisa analisou a transcendência das igrejas evangélicas para além dos muros e espaços físicos, ao realizarem cultos e adorações em locais públicos, como praças e parques, ou prédios públicos, como prefeitura ou Câmara Municipal. Nesse caso, a análise acompanhou o circuito de eventos evangélicos em Campos dos Goytacazes, almejando compreender a expressividade dessa expansão por meio dos seguidores presentes, bem como a economia gerada nos eventos, seja por empresas privadas patrocinadoras ou comerciantes do circuito inferior com mercadorias de preços populares.

Diante dos fatos e dados apresentados, tendo em vista a expressividade evangélica ancorada em uma psicoesfera-tecnoesfera e interação, considerou-se a hipótese de que o movimento evangélico e seus elementos podem ser um novo agente modelador do espaço urbano, segundo as definições de Corrêa (2002 [1989]). Isso em decorrência das interações socioespaciais identificadas e apresentadas ao longo desse texto.

Ficou evidente que a presença das igrejas evangélicas em ações sociais, interações urbanas e estratégias territoriais junta-se ao poder, à influência e aos recursos de empresas privadas para se aproximarem das camadas menos favorecidas da sociedade. Aponta-se

também a relação e a interação entre as igrejas e o poder público municipal, sobretudo na parceria da AEC com a prefeitura e a Casa Legislativa Municipal. Nesse contexto, a hipótese de inclusão também se baseou nas análises e interações com os demais agentes, que, para este recorte, ocorreu com o Estado e o grupo social excluído.

Outrossim, foi possível entender os circuitos urbanos da economia atrelados ao meio evangélico – nesse caso, em sintonia com os eventos com uso dos espaços públicos. À medida que o circuito superior financia os grandes eventos, a economia do circuito inferior usufruiu destes como uma oportunidade de extração de renda.

Por último, ficou clara a prática evangélica estratégica em gerar um amplo circuito econômico vinculado a elas, excedendo os espaços de culto tradicionais. Assim, serviços são prestados por meio de instituições de ensino básico e superior, emissoras de rádio e televisão, editoras e livrarias. As igrejas criam seus próprios circuitos espaciais produtivos, gerando e aumentando seu poder e sua influência no território brasileiro.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. Surgimento, trajetória e expansão das Igrejas Evangélicas no território brasileiro ao longo do último século (1920-2019). **Centro de Estudos da Metrópole**. Nota Técnica nº 20, 2023.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2002[1ª ed. 1989].

DIAS, R. S. **O avanço do fundamentalismo nas igrejas protestantes históricas do Brasil**. *Le Monde Diplomatique*, p. 22 - 23, 01 out. 2018.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. Tese de Doutorado - Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1993.

MACHADO, M. S. **A territorialidade pentecostal**: uma contribuição para a dimensão territorial da religião. Departamento de Geografia – UERJ, Rio de Janeiro, nº jun. de 1997.

MARIANO, R. **Expansão pentecostal no Brasil**: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121-138, dez. 2004.

- MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5^a Ed. São Paulo, Loyola, 2014.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4^a edição. Edusp: São Paulo, 2008.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico científico informacional. 3^a ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2023 [1^a ed. 1979].
- SILVA, S. C. da. **“Espaço e pobreza: A difusão do neoliberalismo nas periferias urbanas brasileiras”**. Relatório de Pesquisa de Estágio Pós-doutoral desenvolvido no *Centre Maurice Halbwachs – École Normale Supérieure* – Paris. CAPES/Programa de Professor Visitante no Exterior (2018-2019), Proc. no 88881.171700/2018-01, *mimeo*, 2019.
- SILVA, S. C. As igrejas evangélicas e as disputas pela psicoesfera. In: DUARTE, L.; FRANK, B. **Psicoesfera: contribuições teóricas a partir de investigações geográficas**. Porto Alegre: Total Books, 2024. p. 25-40
- SILVA, S. C. Hipermmodernização perversa, neoliberalismo e a expansão das igrejas evangélicas no território brasileiro. In: SILVA, Silvana C. da (Org). **Espaço urbano, pobreza e neoliberalismo**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2022. p. 31-58.
- SILVA, S. C. Espaço urbano, neoliberalismo e igrejas evangélicas: um debate necessário. Boletim Campineiro de Geografia, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 369–388, 2024. Disponível em: <<https://www.publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/3284>>. Acesso em: 1 jul. 2024.
- SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**. Nº IV:21-8, 1990.
- RIVERA, P. B. **Pluralismo Religioso e Secularização**: Pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil. **Revista de Estudos da Religião**. pp. 50-76, março, 2010.